

## DECIFRAR A LÓGICA E O SENTIDO DO TEMPO PRESENTE

Haroldo Reimer

**Eclesiastes ou Coélet é um livro intrigante e desafiante dentro do cânon bíblico. O livro intriga e desafia. É que seus conteúdos não se deixam funcionalizar facilmente. Deve-se ler e reler para extrair dele algo como programas de vida, de luta e resistência. Por isso o livro de Eclesiastes não fazia parte dos ‘livros programáticos’ que se lia nas comunidades e nem estava presente na pauta das discussões bíblicas nas décadas passadas aqui no Brasil e na América Latina.**

**Parece que o livro ganhou vitalidade depois da queda do muro de Berlim. A década de 1990 foi marcada por incertezas político-ideológicas com as mudanças mundiais, que afirmavam o ‘fim da história’ e a não-existência de alternativas fora do capitalismo neoliberal. Essas incertezas constituíram desafios para a leitura e a interpretação deste livro bíblico. Em meio às incertezas da vida e dos projetos sociais, o livro de Eclesiastes ganhou vida. As reflexões e as novas perspectivas advindas das inspirações das várias edições do Fórum Social Mundial foram fazendo surgir perspectivas de que “um outro mundo é possível”. Em meio a essas questões contraditórias, o livro de Eclesiastes passou a ser lido e relido.**

**Um dos pontos marcantes na ‘análise da realidade’ feita por Coélet é a sua visão negativa do mundo. Tudo é *hebel*. Tudo está marcado por uma profunda fugacidade. Tudo foge! Tudo é um correr atrás do vento!**

**Esta profunda fugacidade do viver e do ter, segundo a percepção de Coélet, está inserida na grande dinamicidade do sistema de dominação grega na época do Ptolomeus. Para Coélet, tudo é uma “eterna mesmice”. “Geração vai, geração vem, mas a terra permanece para sempre” (1,4). Também os ventos giram nas várias direções, mas acabam voltando ao mesmo ponto. Aparentemente, nada há de novo sob o sol.**

**Na verdade, porém, fora do mundo da narrativa do livro de Coélet, tudo era novo neste sistema. Havia uma verdadeira tecnocracia na dominação helenística, que se expressava através de grande eficiência administrativa. A economia fluía muito rapidamente, mas o bem-estar humano dos grupos dominados perdia velozmente em qualidade.**

**No período dos ptolomeus, isto é, no século III aC, entre 280 e 190 a.C., a Judéia é simplesmente uma pequena província, quase à margem da história. Desse corredor de passagem entre os grandes impérios houve sempre uma forte tributação externa. Os tributos externos eram internamente impulsionados por uma pequena elite agrário-cidadina, que participa da rentabilidade das transações. A cidade e o templo de Jerusalém devem ter desempenhado um papel importante nesta constelação, uma vez que a administração basicamente estava em mãos dos sacerdotes. A agricultura judaica, já desde o período**

persa, estava mais orientada para os produtos agrícolas ‘nobres’ como vinho e azeite, destinados para a comercialização com o exterior.

Informações históricas sobre a época dão conta de que uma das principais interferências externas sobre a vida agrária e clânica da Judéia no período dos ptomoleus foi o reordenamento das unidades territoriais. As terras foram ordenadas de forma diferente, gerando muita instabilidade social. A província ou ‘hiparquia’ da Judéia foi subdividida em distritos administrativos menores, interligados com cidades gregas (*polis*) ou ordenados em torno de tais centros urbanos e políticos. O centro do poder estava em Alexandria no Egito. Em cada unidade, dentro da hierarquia estabelecida (Ec 5,7), os administradores deviam obediência ao governante maior, providenciando a arrecadação e a remessa de tributos para o centro do poder.

Este reordenamento territorial e administrativo resultava também em profunda interferência nas relações tradicionais de posse e propriedade da terra em Judá. Como havia uma tendência geral a conceber os territórios dominados como ‘latifúndio real’, os verdadeiros proprietários das roças e terras passavam a ser considerados servos ou escravos sobre a própria terra. Nisso reside uma das bases do escravismo antigo. Em termos concretos, as famílias israelitas tinham que trabalhar como servos sobre a sua própria terra, entregando quase toda a produção na forma de impostos e taxas. Este sistema espoliativo, bem ordenado e eficiente, atingia até as aldeias mais longínquas de Israel, não deixando muita margem para esperanças e mudanças, pelo menos sob ótica de Coélet, que entende no mundo as coisas são determinadas e quase imutáveis.

Em meio a esta situação, Coélet ou Eclesiastes também vê o tempo e o próprio Deus como grandezas que não podem ser decifradas facilmente. Nisso reside uma grande diferença de Eclesiastes em relação a outros escritos bíblicos, como os profetas ou as narrativas de êxodo e libertação. Coélet não consegue enxergar Deus agindo claramente na história. Para o autor ou autora do livro, o tempo não pode ser claramente dividido em períodos. No fundo, nega-se até a existência de passado e de futuro. Com isso, o próprio tempo para a ser uma grande enigmática. O homem não conhece o seu tempo determinado. Por isso, mais do que a sabedoria clássica, que afirmava uma relação de causa e efeito em todas as coisas, agora, nesta nova situação, faz-se necessário ter outro tipo de sabedoria. É necessário olhar os tempos. Mas como saber quando é tempo para o que? Por isso, no contexto de sua reflexão Coélet passa a destacar a importância do tempo presente. “Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar vida regalada; [...] que possa o homem comer, beber e ver o bem de todo o seu trabalho” (3,12-13). Quando os tempos são indecifráveis, o tempo presente é aquele que cabe viver e desfrutar. Por aí andam as indicações de Eclesiastes.

Originalmente publicado em:

REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes*. A sabedoria do viver e conviver. São Leopoldo: Cebi, 2006, p. 25-27.